

# A crise no abastecimento de água

Nivaldo Santana

A Região Metropolitana de São Paulo enfrenta outro racionamento no fornecimento de água. Apesar das chuvas mais intensas em outubro, os níveis dos reservatórios da Sabesp seguem baixos e a situação continua preocupante. Segundo depoimento do secretário de Energia e de Recursos Hídricos, Mauro Arce, os transtornos poderão atingir 70% dos moradores da Grande São Paulo até o fim do ano. Os municípios de Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra e Vargem Grande Paulista são as primeiras vítimas.

Passam-se os anos e as notícias continuam iguais. As propagandas de conscientização sobre o correto uso da água são vistas apenas quando o nível das represas está próximo de zero. Durante a época do apágão, a campanha constante de reeducação da população fez com que o consumo de energia elétrica fosse consideravelmente reduzido. O exemplo deveria ser repetido no setor de abastecimento – não somente às vésperas do verão, e sim ao longo de todo o ano – ao lado de novos investimentos, principalmente pelo fato de a água potável ser um recurso natural escasso na Grande São Paulo.

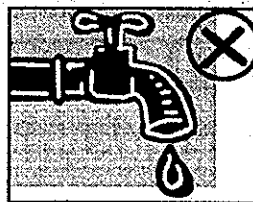
As autoridades da área de saneamento básico, fugindo de suas responsabilidades, apontam os culpados de sempre pela crise: São Pedro, pela escassez de chuvas, e o povo, pelo desperdício. Como toda boa mentira, essa também contém meias-verdades. De fato, a estiagem é grande e o consumo de água relativamente alto. No entanto, isso não serve como pretexto para justificar a grave situação a que moradores da Grande São Paulo estão submetidos. O principal problema é a falta de investimentos adequados no setor. Sem uma política que busque aumentar a capacidade de captação e armazenamento de água, dificilmente será possível alcançar reais avanços nos próximos anos.

A disponibilidade hídrica por habitante na Região Metropolitana de São Paulo é de 201 metros cúbicos/habitante/ano, índice extremamente crítico, inferior inclusive ao do semi-árido nordestino. Esse quadro é agravado com a degradação dos mananciais – como a Bacia do Rio Tietê – e a perda de mais de 800 milhões de litros de água por dia pelo sistema de abastecimento metropolitano da Sabesp. É preciso cada vez mais captar água em reservas distantes, já que a região que cerca a capital paulista está com sua capacidade esgotada.

Com a proximidade do verão, a população fica ainda mais à mercê da quantidade de chuvas, já que o consumo nessa época tende a ser superior ao restante do ano. É preciso investir mais na produção de

água, incorporar novos mananciais ao sistema e aumentar a capacidade de armazenamento, hoje escassa. Além disso, deve-se dar consistência maior aos programas de uso racional e de reutilização da água, desenvolvendo campanhas permanentes de educação ambiental para conscientizar a população da importância de se evitar o desperdício.

Outros problemas relacionados ao abastecimento poderiam ser citados. Mas em um momento tão delicado não é essa a principal questão. O mais importante é saber que, com maiores e mais bem aplicados recursos, seria possível contornar em médio prazo os vários transtornos que afetam a população da Grande São Paulo. O governo estadual tem preferido nos últimos anos adotar medidas de emergência a agir de modo preventivo. Já tivemos algumas mostras do que essa política incorreta pode proporcionar, mas o resultado final, infelizmente,



As campanhas sobre uso correto da água só são feitas quando o nível das represas está próximo de zero

ainda está por vir.

O Brasil saiu de um momento extremamente delicado neste ano e dá mostras de que entrará em 2004 com a perspectiva de melhores índices econômicos e sociais. Nesse sentido, faz-se necessário o aumento dos recursos para o setor de saneamento básico, e uma aplicação mais inteligente dos mesmos. É melhor e mais barato prevenir do que remediar. O ditado popular é sábio e aplica-se ao atual momento vivido pelos moradores da Região Metropolitana. A população tem direito a um serviço de mais qualidade, sem que seja obrigada a se programar para saber quando terá água à disposição. Para tanto, ela já começou (mais uma vez) a fazer sua parte. Cabe agora às autoridades competentes agirem da mesma forma e pôr em prática novas políticas, que minimizem as dificuldades e os transtornos dos moradores da Grande São Paulo.

Nivaldo Santana é deputado estadual do PCdoB, vice-presidente da Comissão de Obras e Serviços Públicos da Assembléia Legislativa

57

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: 57 (Amapá)

Data: 28/10/2003 Pg. 1/2

Class.: 86